

Palestra do Guia Pathwork® n° 221
Palestra não editada
1 de maio de 1974

FÉ E DÚVIDA NA VERDADE OU DISTORÇÃO

Saudações, meus queridíssimos amigos aqui presentes. Bênçãos divinas se derramam, permeando tudo que está dentro e à volta de vocês. Abençoado é o caminho de vocês. Na palestra desta noite, gostaria de falar sobre uma determinada fase do caminho, que todos atravessam, mais cedo ou mais tarde. Na verdade, muitos de vocês já chegaram a esse ponto.

Depois de investirem uma dose considerável de esforço, tempo e energia, seguindo o movimento espiral do ser interior, finalmente vocês descobrem o que os atrapalha. Descobrem o que os impede. Descobrem o que é negativo. Quando vocês vão até a profundidade suficiente e olham com astúcia suficiente, também descobrem que o que realmente os atrapalha é a soma total de tudo que é negativo e destrutivo em vocês. A mente não quer aceitar isso. A mente concebe explicações de toda espécie para a infelicidade. Algumas dessas teorias podem ser válidas até certo ponto. A mente cria teorias sobre doença, neurose, etc. que, apesar de corretas em si mesmas, fogem do fato que eu discuto aqui, ou seja, que é a negatividade que gera essas doenças e neuroses. Ao rejeitar o conceito da “divindade que pune”, a humanidade foi para a direção oposta e criou doutrinas que livram a pessoa de toda a responsabilidade pessoal, fazendo o homem se achar uma vítima.

Quando vocês olham bem profundamente para si mesmos, depois de vencerem a relutância em agir assim, e deixam de justificar e racionalizar, e vêem sem enfeites aqueles aspectos seus que vocês odeiam em vez de amar, em que vocês separam a si mesmos em sua própria defesa em vez de confiarem abertamente, em que vocês desviam o olhar em vez de encararem, em que vocês negam em vez de afirmarem, em que distorcem a verdade em vez de se aterem à verdade, nesse momento vocês vêem o lugar em que geram infelicidade e frustração. Não pode ser de outra maneira.

A mente humana sabe disso há muitos séculos, mas utilizou mal esse conhecimento e transformou-o em um julgamento punitivo e autoritário que eleva os que julgam e rebaixa os que são julgados. As religiões são particularmente culpadas por essa distorção. Depois, veio uma contrarreacção para restabelecer o equilíbrio. No entanto, toda contrarreacção vai primeiro além da verdade, até o extremo oposto, de modo que todos os conceitos de pecado, mal e responsabilidade pessoal pela infelicidade do homem foram negados. Mas agora a condição humana avançou o suficiente para ver de novo que essa distorção da verdade, negação do amor, intencionalidade negativa são a causa final do sofrimento. Talvez agora, sem a punição autoritária, esse fato possa ser visto apenas como é.

Não há dor que, de alguma forma, não seja o resultado de alguma negação da verdade ou negação do amor. Não há dor que não seja, em última análise, provocada por uma violação da lei espiritual, uma desonestidade essencial, e às vezes uma má vontade. Pois bem, depois que vocês entenderem isso plenamente, vocês chegam a uma encruzilhada. Muitos de vocês deste caminho já estão face a face com suas atitudes negativas básicas, o núcleo negativo, o aglomerado coletivo que é um

todo abrangente. Ou talvez se trate de uma série de negatividades associadas. É uma reação em cadeia permanente – de fato, um círculo vicioso. Vocês podem começar com o conceito de descobrir os seus “problemas”. Mas quando falam de problemas, na realidade lidam apenas com as manifestações, os resultados desse núcleo interior negativo. Quando vocês vão além da manifestação superficial – a situação problemática de vida – descobrem, engastado em uma parede de cobertura protetora, as atitudes, intenções, sentimentos, pensamentos e ações do eu inferior. Não é fácil ver o núcleo negativo em sua totalidade, sua ligação, suas reações em cadeia de causa e efeito. Como eu disse, isso exige um trabalho dedicado, comprometido, entusiasmado, e a vontade máxima de ser verdadeiro para com o eu. Mas depois que vocês tiverem chegado a esse ponto e entenderem plenamente o núcleo negativo, vem uma fase secundária. Não é suficiente só ver isso.

Muitos de vocês já passaram pela experiência de ver e ter plena consciência da negatividade, até de assumir total responsabilidade por ela e de deixar de projetá-la no exterior. Vocês se livraram do autoengano, encaram por completo a verdade negativa interior. No entanto, sentem-se estranhamente incapazes, por assim dizer, de realmente querer renunciar a ela. Essa é uma fase específica que todos os que seguem um caminho espiritual para a unificação encontram, mais cedo ou mais tarde.

Por medo de que vocês possam não querer ou não ser capazes de renunciar ao que distorce o amor e a verdade no seu universo interior, vocês acabam, inevitavelmente e até certo ponto, por não quererem nem ver a situação em sua totalidade. Pois é possível que uma parte de vocês diga “Sei que não posso, não quero mudar. Assim, por que eu deveria querer enxergar? Prefiro continuar me iludindo.” Essa é uma obstrução muito comum. É muito importante não permitir que ela impeça a caminhada de vocês.

Vocês já trabalharam o suficiente no caminho para admitir essas resistências, questionar os equívocos, trabalhar esses equívocos, meditar, assumir compromissos em relação a uma nova maneira de ser, pedir a graça interior de Deus para ajudá-los a mudar. E eu poderia dizer que tanta mudança já ocorreu. Vocês sabem disso. Uns poucos de vocês se renovaram de uma forma que jamais acreditaram ser possível. A vida, interior e exterior, é uma experiência totalmente nova, alegre e rica, além dos seus sonhos mais ousados. Sempre que isso acontece, é preciso que tenham ocorrido certos processos interiores, sobre os quais vou falar agora de maneira mais abrangente, para que vocês fiquem mais conscientes deles e também para ajudar os que ainda não passaram por esses processos. Aqueles que chegaram ao pleno reconhecimento de seu núcleo negativo, que gera a infelicidade, a culpa e a autodestruição, mas que não conseguem encontrar uma saída, vão achar esta palestra não apenas proveitosa, mas também necessária. Esta palestra tem o objetivo de ajuda-los a superarem esse obstáculo específico da mudança, como vocês já superaram tantos outros. E eu lhes asseguro, meus amigos, uma vez que estiverem completamente de posse das ferramentas que tenho o privilégio de dar a vocês e que vocês têm o privilégio de usar, não existe obstáculo que não possa ser superado. Também pode com este aqui.

Com relação a esse aspecto específico ou obstáculo do caminho de vocês, eu quero falar sobre os conceitos verdadeiros e falsos de fé e dúvida – sobre a dualidade que pode distorcer a fé e também a dúvida. Este é o tópico que, se bem entendido, pode tornar o próximo passo muito mais fácil para aqueles que chegaram a essa encruzilhada. Isso é importante porque caso se pense em mudar antes de ver inteiramente a verdade desagradável ser totalmente vista, aceita e tratada, a mudança não pode ocorrer. Essa pressa seria apenas uma indicação de que não querem sentir a dor da culpa,

não querem aceitar as consequências de serem negativos e destrutivos. Seria nada mais que um atalho. Portanto, o tópico desta palestra só se aplica em uma conjuntura muito específica.

O conceito popular de fé, nesta era de desenvolvimento da humanidade, é que se trata de uma crença cega em algo que vocês não têm meios de conhecer, que jamais vão conhecer. Significa que vocês, de uma maneira cega e, eu poderia acrescentar, não inteligente e crédula, acreditam em algo sem sentido, normalmente por causa de um desejo, acomodação e ignorância. Portanto, a fé, para a mente intelectual de hoje, tem má reputação. Se a fé fosse de fato o que deveria ser de acordo com esse conceito, haveria bons motivos para descartar totalmente a fé. Se a fé fosse uma falta de discriminação crédula, é claro que a pessoa inteligente teria razão em se proteger contra qualquer coisa parecida com fé. Pois essa pessoa não quer ser crédula, não quer ser obtusa, não quer acreditar em algo que não tem raízes na realidade e que jamais pode ser vivenciada como verdadeira. Assim, ela fica no plano intelectual em que tudo, que é supostamente real pode ser visto, tocado, conhecido, comprovado. E jamais dá o salto para o desconhecido.

No entanto, se não for dado um salto para o desconhecido, não pode nunca ocorrer expansão nem mudança. Como vocês bem sabem, o crescimento e a mudança sempre implicam uma ansiedade momentânea. Essa ansiedade não pode ser aceita pela pessoa que acredita que ela é o resultado final, e não um salto temporário que vai desembocar em terreno firme. O terreno firme é a realidade, mas uma nova espécie de realidade, uma espécie de realidade que vocês jamais viram. Mas se essa nova espécie de realidade não for vista de um terreno verdadeiramente firme, onde o homem pode descansar e atuar, ele não pode dar o salto.

A fé, de acordo com a noção popular, implica um estado permanente de cegueira, de não saber ou não compreender, de tatear no escuro, de flutuar em uma maneira de ser sem chão, irreal (sem-realidade, se eu puder dizer). Portanto, é extremamente importante distinguir entre o falso conceito e o verdadeiro conceito de fé.

Qual é o verdadeiro conceito de fé? Na realidade, a fé exige uma sucessão de vários passos ou etapas. Cada uma dessas etapas é muito assentada na inteligência e no realismo. A primeira etapa seria contemplar uma nova maneira de atuar, em contraposição a continuar na reação em cadeia negativa que foi descoberta. Vamos supor que vocês tenham descoberto, no caminho, que uma parte mais ou menos substancial da sua personalidade opera com base em premissas negativas e defensivas. À medida que vocês realmente investigam a sua maneira de reagir e de atuar na vida, descobrem, para sua surpresa e desagrado, que essas maneiras de atuar são indesejáveis para vocês mesmos e para os outros. Elas são destrutivas e restringem a vida. Portanto, vocês encaram e conhecem esse fato, mas de alguma forma não sabem atuar de outra maneira. Renunciar à única maneira que conhecem sem ter outra coisa para se apoiarem além de uma teoria abstrata, é absolutamente impossível para vocês. Portanto, vocês precisam ter uma percepção bem definida das etapas que vão percorrer para adquirirem uma maneira nova e melhor de atuar e uma realidade nova e melhor, que vai além dos estreitos limites do presente restrito.

Assim, o primeiro passo é considerar essa nova maneira como uma possibilidade. Vocês ainda não sabem o que ela será e como adotá-la, mas acham que há possibilidades que até agora desconhecem por completo. A menos que ampliem o raciocínio dessa maneira, não poderão adquirir novo conhecimento, e muito menos mudar conscientemente os processos mais profundos da atuação. Nenhuma ideia nova pode se apresentar a uma mente humana se essa mente não abrir espaço para

essa possibilidade. Se a mente estiver fechada a novas ideias, não terá nenhuma ideia nova desta forma. Assim, esse processo de abrir espaço para uma possibilidade nova, ainda velada, é um primeiro passo essencial para praticar e adquirir a fé. De fato, é o primeiro passo da fé – a fé em que possa existir algo além da sua visão atual. Mas isso não significa absolutamente credulidade ou obtusidade. Muito pelo contrário. Todos concordamos que aquele que somente aceita como real aquilo que vê, tem muita falta de inteligência, sabedoria e imaginação. Na verdade, ele tem uma mente estreita e limitada.

Essa pode ser uma ideia nova. Talvez vocês nunca tenham pensado na fé nesses termos. Mas eu asseguro, meus amigos, essa é uma condição prévia essencial e parte integrante das etapas da fé. A fé também passa por um desenvolvimento. A pessoa muito desenvolvida e integrada já atingiu etapas mais além. O que descrevi agora é o trampolim, o passo fundamental dessa escada.

Vocês podem dizer, por exemplo: “Reconheço que a maneira antiga de atuar é destrutiva, negativa, indesejável para mim e para os outros (não pode ser ou para si ou para os outros, precisa ser para ambos). Ainda não sei que existe outra maneira e, se existir, como seria. Não sinto essa nova modalidade. Mas talvez exista outra maneira. Talvez eu seja de fato uma expressão de uma realidade divina que habita em meu íntimo, mesmo que eu ainda não me sinta como uma realidade divina. Se essa possibilidade existir, ela também tem a sabedoria de me transmitir como eu posso encontrar uma maneira diferente e melhor de atuar em uma determinada área. Vou ficar receptivo a isso como uma possibilidade.”

Essa é uma abordagem muito realista. É uma meditação da maior eficácia. E não tem nada a ver com a crença cega em algo que jamais pode ser verificado como real ou que não tem raízes na realidade. É uma abordagem honesta e aberta que simplesmente abre espaço para alternativas ainda não vivenciadas.

Mencionei em muitos outros contextos que essa é uma atitude indispensável em todo cientista sério. No entanto, é exatamente a mentalidade científica que tem a fé em mau conceito, por acreditar na sua versão falsa. Mas os verdadeiros passos da fé, que fazem da própria fé uma estrada dinâmica, são perfeitamente compatíveis com a mentalidade científica. Considerar alternativas que ainda são desconhecidas é uma atitude honesta, é objetiva, é humilde. Assim, o primeiro salto para o desconhecido – e para o novo – ocorre com essa mentalidade. Isso não quer dizer que não haverá ansiedade pois, toda experiência nova está associada à ansiedade, mas é uma ansiedade superada com rapidez e facilidade.

Se, por exemplo, vocês se sentem seguros apenas ao emitirem juízos negativos, se vocês detestam e rebaixam os outros, podem dar o primeiro passo. Podem considerar que talvez exista outra maneira e abrir-se a novas percepções. Vocês vão ver que podem ter segurança sem essa destrutividade. Podem precisar trabalhar com afinco para obter verdadeiro autorrespeito – e essa abordagem é um meio garantido de chegar lá. Mas por mais que vocês trabalhem, com afinco, sempre vale a pena, pois vocês pagam o tipo negativo de “segurança” com a sua própria vida, literalmente.

Quando vocês fizerem isso com sinceridade – tatear e esperar, esperar pacientemente pela revelação interior – vão descobrir uma nova modalidade. Podem estar certos disso. Vai chegar o momento em que vão descobrir essa nova modalidade em que podem atuar de uma maneira totalmente

nova na qual não há conflito entre a segurança e a autoestima no sentido falso (ser negativo e odiar) e abertura, positividade e amor.

Para encontrar esse novo terreno firme onde não há conflito, é preciso dar um salto – um salto no desconhecido, na nova possibilidade. Mesmo quando vocês simplesmente se abrem para uma nova alternativa em princípio e sentem-se prontos para abandonar um modo de atuação antigo e bem conhecido, já foi dado um certo salto. Porque até certo ponto, por mais que seja de uma forma não definitiva, vocês já deixaram o solo pretensamente firme da antiga segurança, que parecia ser a única maneira possível para vocês.

Um salto maior é dado no segundo passo da fé. Com esse salto, vocês se abrem para o terreno divino dentro de vocês, de modo que ele pode lhes fornecer o conhecimento que o intelecto não consegue encontrar. Vou recapitular sucintamente: o primeiro passo é abrir espaço para uma modalidade diferente da negativa que vocês descobriram. No segundo passo, vocês permitem que o eu divino forneça a resposta. Se esse passo for dado com sinceridade, vocês vão ter vislumbres ocasionais desse eu divino interior, como ele é, o que sente, como atua. Depois vocês vão esquecer de novo e serão puxados outra vez para a velha pseudosseguurança da negatividade. Muitas e muitas vezes vocês precisarão encontrar o caminho às apalpadelas por essas etapas até que, para tomar posse dessa realidade vislumbrada, fazer dela o seu lar permanente, vocês dêem um passo ainda maior de coragem e honestidade.

Este é o terceiro passo da empreitada e do aumento da fé. Ele significa: “Sim, eu senti algo novo, mas ainda não sou capaz de me manter nele. Ainda não é meu terreno definitivo. Para fazer dele meu terreno, entrego-me totalmente à realidade maior do universo. Deixo para trás as válvulas de segurança conhecidas, os hábitos conhecidos do ego de encontrar segurança e realização em maneiras que ao menos em parte são negativas. Entrego-me ao poder divino e deixo que ele me guie. Dedico minha vida à verdade e ao amor em nome da verdade e do amor.” Esse é o grande salto – um salto que precisa ser repetido muitas vezes até não haver mais salto, até vocês perceberem que parecia que era assim, por causa da separação imaginária do pequeno ego.

A essa altura, vocês já não estão no desconhecido total, porque tiveram vislumbres da realidade de no decorrer do segundo passo. Se vocês realmente se questionarem com toda a lógica e razão que a mente possibilita, vão ver que na verdade não estão correndo um risco muito grande. Se não houver uma realidade divina, o que vocês têm a perder acreditando nela? Vocês não descobririam nada além do que já sabem. Mas se de fato descobriram que ela existe, se suas manifestações não forem uma ilusão, entregar-se a ela é, de fato, a única coisa sábia e sensata a fazer. Entregar-se a ela parecerá, apenas temporariamente, ser uma renúncia à própria identidade. Em breve vocês vão descobrir que o que percebiam como sua identidade é a forma mais dependente e fraca de todas as formas imagináveis de existir. Vocês não descobrem constantemente a sua dependência a outros seres humanos tão ignorantes e atrapalhados quanto vocês? No entanto, entregar-se à vida divina fará com que vocês tomem consciência de que aí está a sua identidade real, com a qual vocês encontram nova segurança, novas alegrias e prazeres, nova criatividade até então desconhecidas. Somente então vocês encontrarão a verdadeira e plena identidade – depois de darem o salto para a entrega a um eu maior que é verdadeiramente vocês no melhor sentido.

Como a realidade divina é verdade e é amor, a verdade e o amor serão necessariamente o lema ao qual vocês entregarão todo seu ser. Quando chegarem a esse ponto, verão que as alternativas são

simples. A não entrega à verdade e ao amor como atributos divinos, à vontade divina, é ocasionada quase que exclusivamente pela vontade de promover o eu e pela vaidade – em outras palavras, o que os outros vão pensar de vocês vem antes da consideração da verdade e do amor. Vocês não abrem mão da pequena vantagem imediata a favor da verdade e do amor. Assim, não é dado o salto para a fé – quando, ao se identificarem com a vontade divina, a verdade e o amor, vocês ganham “vantagens” mais profundas em todos os níveis. É claro que os resultados podem não ser percebidos de imediato. O salto para o desconhecido precisa ser dado – em nome da verdade e do amor, em nome da vontade de Deus.

Deixem que toda a sua vida, todos os seus atos, todas as suas direções, todos os seus objetivos sejam dedicados à verdade e ao amor que são essencialmente atributos e expressões divinas dentro e fora de vocês. Esse é o salto maior que os levará para um novo território – o território divino. Os levará para uma nova realidade, tão ampliada a ponto de desafiar a sua imaginação atual. Vocês não podem nem conceber ainda o que significa operar sem conflitos, porque estão tão acostumados a viver em perpétuo conflito que, inconscientemente, acreditam que os conflitos são automáticos e não sabem de mais nada. Vocês têm tantos, tantos conflitos quando não podem viver de acordo com a verdade e o amor. Os conflitos os dilaceram, mas apenas quando começam a aumentar a sua autoconsciência é que vocês ficam sintonizados para ver isso – a princípio sem saber exatamente qual é o problema e como a sua vida pode mudar. Vou dar a chave a vocês. Esses conflitos extraem, sugam a sua força vital. Isso não precisa acontecer se vocês derem o salto para a verdade e a razão como razão final da sua existência.

Quando fizerem isso sistematicamente, chegarão ao quarto passo, em que a fé se transforma em realidade vivenciada, em que já é um fato provado fortemente enraizado em vocês, que ninguém pode tirar. A diferença entre esse estado e os primeiros vislumbres do segundo passo é que vocês sabem que os vislumbres são verdadeiros, muito verdadeiros enquanto acontecem, mas quando vocês recuam e perdem esse “estado de graça”, como muitas vezes é chamado, voltam a duvidar e a pensar que talvez tenha sido ilusão, ou imaginação, ou coincidência. Ou que vocês sonharam tudo, e que as coisas concretas que aconteceram teriam acontecido de qualquer forma. Aqui entra a falsa dúvida, sobre a qual vou falar em breve. Mas no quarto passo, vocês não sentem nada disso. O que obtiveram passa a ser a sua realidade. Vocês sabem que ela é mais real que qualquer outra coisa que já tenham experimentado e conhecido. Mesmo se perderem por algum tempo esse bom estado e voltarem no movimento espiral aos resíduos da negatividade, nessa etapa vocês sempre sabem o que é real e o que é falso. Não há mais nenhuma confusão. Agora, vocês conhecem a glória da verdade de Deus.

Essa realidade recém revelada desafia os estreitos confins da pequena mente e, portanto, não pode ser colocada em um tubo de ensaio. Mas a base dela é muito mais firme do que isso. Se o mundo todo confrontar a realidade exterior que vocês vivenciam, vocês podem começar a duvidar disso. Mas não podem duvidar mais da realidade do universo interior que conquistaram como seu terreno próprio, em resultado da sistemática entrega a ele. Depois que vocês chegarem ao quarto passo da empreitada da fé, não há mais como duvidar dessa realidade. As provas e as experiências são reais demais. Elas amarram todas as pontas soltas, de uma maneira que a imaginação jamais poderia fazer. Não fujam por causa da ansiedade passageira provocada pelo salto em uma nova realidade desconhecida. Dêem o salto em nome da verdade e do amor ou, se quiserem, em nome de Deus, o seu eu-deus interior.

Agora vamos ver o outro lado dessa dicotomia, que é a questão da dúvida. A dúvida, na acepção verdadeira e construtiva, existe, naturalmente. Se vocês vivessem sem dúvida, seriam de fato crédulos. Isso se encaixaria na categoria da versão errada e distorcida da fé. Além disso, essa credulidade, essa falta de dúvida certa, contém muitos aspectos negativos. Ela contém desejos, não querer aceitar e lidar com aspectos desagradáveis do eu, dos outros ou da vida em geral. Isso decorre da acomodação. A pessoa que não duvida da maneira certa deseja evitar a responsabilidade pela tomada de decisões, pelas escolhas, pela autonomia.

A pessoa que duvida da maneira certa caminha em direção a fé e tem fé. Mas a pessoa que duvida da maneira errada gera uma enorme divisão. Aqui surge a questão de saber não apenas do que ela duvida, mas também como e por quê. Quais são os motivos reais da dúvida? Vamos dizer, por exemplo, que vocês duvidem da existência de uma inteligência suprema, de um espírito universal criador. Com essa atitude, vocês alegam que duvidam, mas o que realmente querem dizer é que “sabem” que tal coisa não existe. Isso, naturalmente, não é apenas impossível, porque vocês não podem saber disso, mas é também desonesto, porque vocês tomam as suas percepções atuais e muito limitadas como a realidade final. Além disso, uma afirmação dessas sempre contém outra desonestidade – que é o interesse oculto em tal crença. Ela é tão carregada de desejos como é a forma errada de fé. Esse interesse pessoal tem muitas razões, por exemplo o medo de, um dia, precisar encarar aquilo que a personalidade procura freneticamente evitar agora. Existe o desejo na crença de que a vida termina, que nada tem sentido ou razão, porque de qualquer maneira nada importa. Assim, a “fé” em um não-Deus existe para poder desejar a não existência de consequências.

Quando as pessoas negam o valor de um caminho espiritual de autoexame, embora possivelmente não negando a existência de Deus, isso também abriga a esperança de que tal exame possa ser evitado, que seja desnecessário. A dúvida desse tipo raramente é questionada. Ela é sempre justificada assim como “acontece que essa é a minha crença, tão boa quanto a sua” e apresentada como se esse ela tivesse chegado de maneira realmente honesta e profunda a esse tipo de suposição.

Quando vocês duvidam de algo que não querem conhecer, qualquer que seja o motivo, a dúvida é desonesta. Esse tipo errado de dúvida tem muito em comum com o tipo errado de fé. Ambos são regidos pelo desejo imaginário. Com muita frequência, as pessoas que se orgulham de duvidar, porque não desejam parecer crédulas aos olhos dos outros, nunca duvidam de suas dúvidas. Portanto, as suas dúvidas precisam ser questionadas. Você tem um interesse naquilo que duvida? Quais são as verdadeiras razões das suas dúvidas? Em que considerações reais vocês baseiam honestamente essas dúvidas? Se duvidarem de suas dúvidas, se as questionarem, vocês chegarão à verdade que rege vocês nesse aspecto, e assim se aproximarão da fé.

Se vocês duvidaram dos outros e não das suas próprias motivações, distorções e opiniões, de seus juízos subjetivos e negatividades, vocês negarão a verdade em si mesmos. É somente quando vocês estão na verdade que conseguem deixar de lado a dúvida sobre si mesmos que se esconde por trás das suspeitas e dúvidas que têm em relação aos outros. Não se deve confundir essa dúvida sobre si mesmo, que é projetada, com a verdadeira intuição e percepção, que são muito diferentes e resultam em uma expressão e intercâmbio muito diferentes. Se vocês usarem a pseudointeligência para substanciar suas dúvidas, desconfianças e suspeitas a fim de evitar o desconforto do autoexame, vocês criarão uma divisão ainda maior entre vocês e a realidade e, portanto, entre vocês e a verdade. Dessa maneira, vocês fabricam o sofrimento, o descontentamento e uma vaga sensação de desconforto que não conseguem definir muito bem.

Temos aqui um típico quadro dualista. Aparentemente temos dois opostos – a fé e a dúvida. A religião diz que a fé é “certa” e a dúvida é “errada”. As pessoas intelectualizadas dizem, com igual correção, que a fé é “errada” e a dúvida é “certa”. As duas facções discutem. Cada uma acredita que está certa, que tem razão. No entanto, nos dois lados existe uma versão real e uma falsa. De acordo com a versão real, a fé e a dúvida não são opostos que se excluem. São complementares. A espécie real de dúvida seleciona, pondera, diferencia, procura a verdade, sem fugir do trabalho mental de lidar com a realidade. Isso leva às diversas etapas da fé. Em cada uma delas, o tipo certo de dúvida é necessário. Quando, por exemplo, vocês hesitam em saltar, precisam duvidar do medo e de sua premissa de que esse medo é a realidade final. Quando se inclinam para o tipo acomodado de fé, a dúvida precisa despertar a atividade mental em vocês. Quando tendem a duvidar da maneira destrutiva, a fé precisa protegê-los de afundar na dúvida e apagar os momentos de verdade que vocês já vivenciaram.

Existe uma chave para vocês poderem encontrar sempre a unidade, a fé certa e a dúvida certa, e assim deixarem para trás a fé injustificada e a dúvida injustificada. Dei a vocês essa chave. É a sua dedicação à verdade e ao amor. Muito antes de vocês vivenciarem e, portanto, acreditarem em um espírito divino que rege e habita tudo que existe, vocês podem usar a verdade e o amor, “com segurança”, como os sinais que mostram o caminho em relação às diretrizes que regem sua vida, para se entregarem, para abrirem mão de algo que não contém verdade nem amor, passando para aquilo que tem verdade e amor. Quando vocês transformam a verdade e o amor no centro de tudo o que fazem, vocês experimentam o Deus vivo interior. Vocês vão ter a força e a saúde e o know-how para resolver todos os seus problemas e sair das negatividades às quais vocês parecem estar presos, incapazes de se livrar. Esse é o movimento. Essa empreitada da fé é o movimento que combina a fé e a dúvida em um todo complementar, a serviço da verdade e do amor.

No nosso próximo encontro, vou responder todas as perguntas de vocês referentes a este tema ou a qualquer outro. Terei o maior prazer em ajudar da forma que puder.

Agora vou deixar vocês com as bênçãos do divino espírito que habita em cada um de vocês. Acreditem nesse espírito, tenham fé em sua existência, e ele se dará a conhecer para vocês. Pois ele é a maior realidade que existe. Nada poderia ser mais real e mais próximo. Sejam todos abençoados, todos vocês.

Os seguintes avisos constituem orientação para o uso do nome Pathwork® e do material de palestras:

Marca registrada/Marca de serviço

Pathwork® é uma marca de serviço registrada, de propriedade da Pathwork Foundation e não pode ser usada sem a permissão expressa por escrito da Fundação.

Direito autoral

O direito autoral do material do Guia do Pathwork® é de propriedade exclusiva da Pathwork Foundation. Essa palestra pode ser reproduzida, de acordo com a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação, mas o texto não pode ser modificado ou abreviado de qualquer maneira, e tampouco podem ser retirados os avisos de direito autoral, marca registrada ou outros. Não é permitida sua comercialização.

Considera-se que as pessoas ou organizações, autorizadas a usar a marca de serviço ou o material sujeito a direito autoral da Pathwork Foundation tenham concordado em cumprir a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação.

O nome Pathwork® pode ser utilizado exclusivamente pelas regionais autorizadas pela Pathwork Foundation.